



Prefácio

Marcus Vinicius Maltempo

Como citar: MALTEMPI, Marcus Vinicius. Prefácio. *In*: GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes et al. **Práticas docentes e digitalidade**: novos tempos, novas demandas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 11-14. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-385-4.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

A atividade do professor é condicionada por muitos fatores, entre eles, destacamos as tecnologias. Atualmente tendemos a considerar “tecnologia” somente as digitais e no âmbito de um recurso ou ferramenta que fazemos uso quando nos é conveniente. Entretanto, essa é uma visão limitada das tecnologias, pois conforme McLuhan e Fiore (1969, p. 54 e p. 69)¹, “Todos os meios [tecnologias] são prolongamentos de alguma faculdade humana – psíquica ou física. [...] O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e agir – o modo de perceber o mundo. Quando essas relações se alteram, os homens mudam”. De acordo com essa perspectiva, somos moldados pelas tecnologias ao mesmo tempo em que as moldamos, em um processo contínuo que acompanha a evolução da espécie humana. Assim, tanto a pedra lascada e o domínio do fogo quanto a escrita e o celular são tecnologias que levaram gerações para serem desenvolvidas (visualizar uma ponta afiada dentro de uma pedra foi um grande desafio de imaginação e percepção para o *Homo habilis*). Não se trata, portanto, de um acessório ou de algo secundário: nossa relação com as tecnologias é remota e profunda.

Antigamente, século XIX até meados do século XX, não era comum a chegada de tecnologias promissoras para a educação nas

¹ MCLUHAN, M; FIORE, Q. **O meio são as massa-gens**: Um inventário de efeitos. 2a Edição. Rio de Janeiro: Record, 1969.

escolas, ainda assim, elas colocavam em movimento pesquisadores e educadores que buscavam problematizá-las e compreendê-las no contexto da sala de aula e da prática docente. Isso ocorreu, por exemplo, com o giz e lousa, com os cadernos e com os livros didáticos, que por vezes eram responsabilizados por possíveis fracassos ou problemas de comportamento dos alunos e, portanto, havia quem defendesse que essas tecnologias fossem banidas da escola. Tal postura frente ao novo geralmente desconsidera que a tecnologia não é boa nem má por si só, mas depende do uso que fazemos dela, ou seja, está sujeita à relação que estabelecemos com ela. E na sala de aula e em outros ambientes de ensino e aprendizagem, é o professor o principal responsável por planejar essa relação do estudante com as tecnologias.

Além disso, a chegada de novas tecnologias enfrenta a resistência natural de professores, que para incorporá-las precisam rever suas práticas, pois as tecnologias não são neutras e sua inserção na sala de aula requer reflexão e planejamento, sob o risco de ser contraproducente. E não é só o professor que resiste às mudanças trazidas e possibilitadas por novas tecnologias, pois além dele, gestores escolares, pais e responsáveis pelos estudantes podem não enxergar necessidade nelas. Isso porque tais tecnologias não tomaram parte de sua escolarização e a escola do século XX foi muito bem-sucedida, haja vista o notável desenvolvimento das sociedades nesse período.

No entanto, nas últimas décadas as tecnologias digitais ensejaram diversas mudanças no modo de ser e de viver das pessoas que, associadas a outros elementos, como a fragmentação disciplinar e a universalização da educação, vêm questionando o *modus operandi* dessa escola, planejada e voltada para um período em que o futuro

das pessoas era bem previsível e aprender se confundia com reproduzir informações acumuladas.

Podemos dizer, então, que atualmente vivemos o início de um período de transição na educação escolar, do *cognitivo analógico*, marcado pela centralidade no professor, ênfase na memorização e trabalho individual do estudante, com espaços e tempos rígidos, para o *metacognitivo corporificado digital*, voltado a desafios e atitudes dos estudantes no desenvolvimento de projetos em equipe, com espaços e tempos flexíveis, propiciados e viabilizados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação. Metacognitivo porque se trata de uma educação que se propõe ir além dos conteúdos disciplinares estanques, e visa o desenvolvimento pelo estudante da capacidade de se monitorar e autorregular, de pensar sobre o próprio pensar, potencializando o próprio aprendizado. E corporificado porque, associado ao cognitivo, é uma educação que também visa o desenvolvimento emocional e comportamental do estudante na busca e solução de problemas encaminhados em sociedade.

As tecnologias digitais possibilitam e são fundamentais nessa transição, pois viabilizam a autoria e o desenvolvimento de projetos que podem estimular a autonomia e a criatividade do estudante para além dos muros da escola. Mas colocar isso em prática é uma grande tarefa, que envolve a formação do professor, mudanças curriculares, acesso à Internet de qualidade nas escolas, equipamentos adequados, apoio técnico ao professor, entre outros. Tal execução precisa ser feita em etapas e de maneira contínua, com destaque à formação inicial e continuada de professores. Em *Práticas Docentes e Digitalidade: Novos Tempos, Novas Demandas*, encontramos uma rica discussão sobre educação e tecnologias no recente contexto que infelizmente todos

vivemos com a pandemia do Covid-19. Estabelecer tal discussão é fundamental, pois a pandemia tensionou a educação escolar, modificou e criou práticas e possibilidades para a educação que precisam ser refletidas e aproveitadas na transição para o metacognitivo corporificado digital.

No livro nos deparamos com o ensino remoto emergencial (ERE), muitas vezes confundido com educação a distância (EaD). O ERE mantém a desigualdade que marca a sociedade brasileira e alternativas exitosas são discutidas. Além disso, encontramos reflexões no contexto da educação com tecnologias, no período pandêmico, em diversos níveis e disciplinas escolares, e na formação do professor. O livro é uma contribuição relevante para os que se preocupam com a prática pedagógica na educação escolar em diferentes contextos e que buscam problematizar o papel das tecnologias na educação, incluindo a educação especial.

A educação escolar é uma atividade essencial em nossa sociedade e está em constante mudança, em especial, durante uma pandemia que exigiu o fechamento das escolas. Assim, recomendo fortemente que (futuros) professores e educadores interessados em tecnologias na educação se dediquem a estudar a obra *Práticas Docentes e Digitalidade: Novos Tempos, Novas Demandas*.

Prof. Dr. Marcus Vinicius Maltempi